

Entre silêncios e outros gestos vocais: que lugar para o não-verbal no diálogo da comunidade de investigação filosófica?

Dissertação de Mestrado

Ana Patrícia Câmara Teves

Mestrado em

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS



Entre silêncios e outros gestos vocais: que lugar para o não-verbal no diálogo da comunidade de investigação filosófica?

Dissertação de Mestrado

Ana Patrícia Câmara Teves

Orientadora

Prof.^a Doutora Magda Costa Carvalho, Universidade dos Açores

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia para Crianças

Dedicatória

Ao meu marido e ao meu filho, pelo apoio constante e incondicional

Agradecimentos

A escrita de uma dissertação é, acima de tudo, uma caminhada feita em companhia daqueles que nos guiam, apoiam e inspiram. Por isso, antes de mergulhar nas páginas que se seguem, é importante reconhecer que o resultado aqui apresentado é também fruto de encontros, gestos e silêncios partilhados.

Assim, gostaria de expressar o mais sincero agradecimento à minha orientadora, professora doutora Magda Costa Carvalho, pelo apoio, dedicação e orientação ao longo de todo o processo de elaboração desta dissertação. Agradeço a sua paciência, disponibilidade e olhar crítico que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, e as suas sugestões, sempre pertinentes, contribuíram para ampliar o meu olhar e aperfeiçoar as minhas ideias. Foi um privilégio contar com a sua orientação.

A todos professores do curso pelas aulas, orientações e conhecimentos partilhados, que contribuíram significativamente para a minha formação.

Ao Conselho Executivo da Escola Básica e Secundária do Nordeste, António Rocha, Lília Bergantim e Óscar Cardoso por todo o apoio ao longo deste percurso, pela confiança depositada no meu trabalho e pela criação das condições que tornaram possível a concretização deste trabalho e, sobretudo, por confiar que a filosofia e as crianças podem caminhar juntas.

À minha querida amiga, Sofia Costa, pela paciência e disponibilidade em revisar a minha escrita.

Ao meu irmão César, por questionar e desafiar a minha escrita com rigor e carinho.

Aos colegas do curso, pelo companheirismo e pelas partilhas valiosas ao longo desta jornada.

Às crianças, com quem tive o privilégio e a alegria de partilhar momentos filosóficos. Obrigada por cada pergunta sussurrada ou lançada ao centro, por cada som ou silêncio cheio de sentidos e possibilidades. Foi através das vossas vozes que este trabalho encontrou o seu verdadeiro propósito. Que estas páginas guardem algo da vossa leveza e da vossa força. Obrigada por serem a inspiração desta jornada.

À minha família, por serem um suporte fundamental e por compreenderem as minhas ausências.

E ao meu marido Filipe, por ter sido, em muitos momentos, o meu tradutor e técnico de informática e um apoio moral constante - obrigada por estares sempre lá.

Resumo

A presente Dissertação surge da necessidade de expandir a compreensão do diálogo filosófico em comunidade de investigação, indo além das palavras proferidas para se considerar as pausas preenchidas por sons, como “*hummm*”, “*hmm*”, “*mm*” e as pausas não preenchidas acusticamente – os silêncios.

Considera-se que o diálogo filosófico não se reduz à dimensão discursiva baseada na linguagem verbal, admitindo-se a existência de uma multiplicidade de formas de expressão que acolhem o não verbal como parte da sua dinâmica.

Esta investigação partiu de um simples som – “*hmm*”, proferido por uma criança durante uma sessão de diálogo filosófico em comunidade de investigação e que deu origem à pergunta que orienta o nosso trabalho: será que os sons e os silêncios podem, nalguns momentos, fazer as vezes das palavras?

Numa tentativa de explorar possíveis caminhos para essa questão sobre o lugar do não-verbal no diálogo da comunidade de investigação filosófica, estruturou-se a investigação em 3 linhas principais. A primeira parte do conceito de comunidade de investigação filosófica, explorando o diálogo como um espaço e um lugar de encontro e construção coletiva do pensamento, aberto a uma multiplicidade de formas de expressão. Defendemos, numa segunda linha de investigação, a escuta atenta como a disposição para habitar esse lugar. Além disso, considera-se a escuta, como uma atitude ética e relacional, uma condição fundadora do diálogo em comunidade de investigação filosófica, tornando possível acolher não só o que se diz, mas o que se deixa ouvir mesmo quando não há palavras – gestos vocais (sons) e silêncios.

Por isso, para explorar o que nos permite navegar nas camadas sonoras e silenciosas do diálogo, fomos interpeladas pelo conceito de voz enquanto acontecimento relacional e sensível — mas o que é, afinal, esta voz que escapa à mera função da fala e nos convoca a escutar de outro modo? Assim, a terceira linha de investigação desdobra-se na análise de 3 conceitos: voz, gestos vocais e silêncios. A voz também se faz de pausas, de balbucios, murmúrios e de silêncios que falam.

A investigação foi pensada com os textos e os autores, mas também com as vozes das crianças. Por isso mesmo, reservamos um capítulo para escutar de perto os seus diálogos — não apenas o que dizem, mas como dizem, como hesitam, como se interrompem ou se deixam atravessar pelo silêncio na tentativa de compreender como a filosofia se dá a ouvir na infância.

Conceitos: comunidade de investigação filosófica, diálogo, escuta, voz, gestos vocais e silêncios.

Abstract

This dissertation arises from the need to expand the understanding of philosophical dialog in a research community, going beyond the words spoken to consider pauses filled with sounds, such as “*hummm*”, “*hmm*”, “*mm*” and pauses that are not filled acoustically - silences.

It is considered that philosophical dialog is not reduced to the discursive dimension based on verbal language, admitting the existence of a multiplicity of forms of expression that welcome the non-verbal as part of their dynamics.

This research started with a simple sound - “*hmm*” - uttered by a child during a philosophical dialog session in a research community, which gave rise to the question that guides our work: can sounds and silences, in certain moments, take the place of words?

In an attempt to explore possible avenues for this question about the place of the non-verbal in the dialog of the philosophical research community, the research was structured along 3 main lines. The first starts from the concept of a community of philosophical inquiry, exploring dialog as a space and a place for meeting and the collective construction of thought, open to a multiplicity of forms of expression.

In a second line of research, we advocate attentive listening as the willingness to inhabit this place. In addition, listening is considered to be an ethical and relational attitude, a founding condition of dialog in a philosophical research community, making it possible to welcome not only what is said, but also what is heard even when there are no words - vocal gestures (sounds) and silences.

So, in order to explore what allows us to navigate the sonorous and silent layers of dialog, we were challenged by the concept of voice as a relational and sensitive event - but what is this voice that escapes the mere function of speech and summons us to listen in another way? Thus, the third line of research unfolds in the analysis of 3 concepts: voice, vocal gestures and silences. The voice is also made up of pauses, babbles, murmurs and silences that speak.

The research was designed with the texts and the authors, but also with the children's voices. That's why we've set aside a chapter to listen closely to their dialogues - not just what they say, but how they say it, how they hesitate, how they interrupt each other or allow themselves to be interrupted by silence in an attempt to understand how philosophy is heard in childhood.

Concepts: community of philosophical inquiry, dialog, listening, voice, vocal gestures and silences.

Índice

Introdução.....	9
Capítulo I - Comunidade de investigação filosófica	19
1.1. Quando filosofar é para	20
1.2. Quando filosofar é estar com	27
1.3. Quando filosofar é abrir espaço ao que emerge	30
Capítulo II – A atenção e a abertura como condição de escuta no diálogo filosófico	35
2.1. A escuta e o diálogo.....	35
2.2. Uma Filosofia da Escuta: a perspectiva de Gemma Corradi Fiumara	39
2.2.1. Falar e escutar.....	39
2.2.2. Escutar é fazer lugar	42
2.2.3. A escuta como um ato coexistencial.....	44
2.2.4. A escuta como esforço filosófico.....	45
2.2.5. Escutar o outro: encontro e experiência	48
2.2.6. A escuta como o outro lado da linguagem.....	50
Capítulo III – Para além das palavras: voz, gestos vocais e silêncios	52
3.1. A voz no diálogo filosófico	52
3.1.1. Reconhecer a voz.....	53
3.1.2. Dar voz não basta	55
3.1.3. Filosofia da voz encarnada	57
3.1.4. A voz na comunidade de investigação.....	61
3.2. Os gestos vocais como aspetos não verbais no diálogo filosófico	63
3.2.1. Topografia dos sons ou gestos vocais.....	65
3.2.2. Os sons como murmúrios ou balbucios.....	69
3.3. Entre os sons e a palavra.....	73
3.3.1. O silêncio enquanto gesto não reconhecido	77
3.3.2. Silêncio e tempo	79
3.3.3. Silêncio que escuta	82
Capítulo IV - Silêncios e gestos vocais em comunidades de investigação filosófica	84
4.1. Caminhos de Escuta: investigar com e através da Comunidade de Investigação Filosófica.....	84
4.2. A presença dos silêncios e gestos vocais no diálogo filosófico em comunidade.	88
4.2.1. Vozes ruidosas	90
4.2.2. Vozes que sussurram	93

4.2.3. Vozes que se escutam.....	96
4.2.4. “A voz na fenda”.....	99
4.2.5. A linguagem dos sons no pensamento das crianças	103
4.2.6. Conversas sobre a voz	107
Notas para um recomeço	110
Bibliografia.....	114
Anexos.....	119
Anexo A – Parecer da Comissão de ética.....	120
Anexo B – Termo de Consentimento Informado 1	122
Anexo C - Termo de Consentimento Informado 2.....	123
Anexo D - Termo de Consentimento Informado 3	124
Anexo E – Modelo do assentimento das crianças.....	125
Anexo F – Transcrição do diálogo filosófico com crianças.....	126